

Revista **OURICURI**

EDITORIAL

Edivania Granja da Silva **Oliveira**

Doutora em História Social pela USP. Mestre em História pelo UFCG (Campina Grande/PB). Com Especialização em História pela Universidade de Pernambuco e Atualização Pedagógica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco. Atualmente é professora de História no IF Sertão PE/Campus Petrolina. Realiza pesquisas sobre comunidades quilombolas e povos indígenas nas áreas de História, História Ambiental e Educação.

Comunidades Tradicionais brasileiras

O Continente Americano – “Novo Mundo” é área antiga de habitação de nativos, denominados de forma errônea de índios quando os europeus invadiram a América a partir do século XV. Especificamente, a porção territorial na América colonizada pelos portugueses desde o século XVI, foi e é local de habitação de indígenas, possuíam e possuem conhecimentos técnico-científicos milenares sobre o Ambiente em que habitavam e habitam.

A colonização na América portuguesa foi incrementada com a atividade açucareira, inicialmente a mão-de-obra usada era de indígenas escravizados. Mas, a resistência de indígenas a trabalhos forçados resultou em prejuízos aos Engenhos de Açúcar. Ao mesmo tempo, os portugueses iniciaram um potente mercado em África, cuja mercadoria era constituída por africanas/os transformadas/os em escravizados para suprir o mercado açucareiro na América.

A partir da 2ª metade do século XVI, a colônia da América Portuguesa adotará a escravização de africanos(as) como principal atividade econômica aliada as atividades produtivas. Nesse período uma nova classe de comerciantes surgiu, os traficantes de escravizados, responsáveis pelo deslocamento forçado de milhares de africanos para a colônia portuguesa e outras colônias na América. Africanos e africanas viveram

condições desumanas desde a captura em vários lugares na África, a viagem no Navio Negreiro e nas áreas produtivas coloniais. A grande maioria viveu no máximo até 30 anos e durante todo o período de escravização na colônia e no Império brasileiro, diversas estratégias de resistências foram praticadas por escravizados africanos/as ou afrodescendentes.

Os/as africanos/as escravizados/as trouxeram plantas e conhecimentos técnico-científicos sobre manejos e equipamentos agropecuários. Em muitas situações de resistências, como as fugas “encontraram” com os nativos e ocorreram inúmeras trocas de conhecimentos e estabeleceram relações de compadrio ou parental. Especificamente, na região semiárida no atual Sertão do São Francisco, é exemplo das relações estabelecidas historicamente entre indígenas e negros(as) (OLIVEIRA, 2022). Atualmente é local de habitação de um quantitativo expressivo de povos indígenas e comunidade quilombolas. Esses dois grupos compõem o que foi definido como povos ou comunidades tradicionais. Por historicamente possuíram relações intrínsecas com os ambientes naturais, atribuindo sacralidade e realizando práticas de manejo e atividades agroflorestais com baixo impacto ecológico.